

INQUÉRITO de CONJUNTURA

2º Trimestre de 2023

- 14% das empresas aumentaram as vendas face ao trimestre anterior, contra 11,7% que diminuíram, enquanto a grande maioria (74,3%) indicou a sua manutenção

- A percentagem das empresas que considerou “bom” o respetivo “nível de atividade” foi de 33,3%, contra 41% (superior) que o considerou “deficiente”

- Apenas 30,8% das empresas aumentaram as vendas face ao mesmo período do ano anterior, abaixo da percentagem das que referiram a sua diminuição (43,6%)

- Os preços de venda estabilizaram, com 82,1% das respostas, ponderadas pelos 25 grupos de produtos, a indicar a sua manutenção

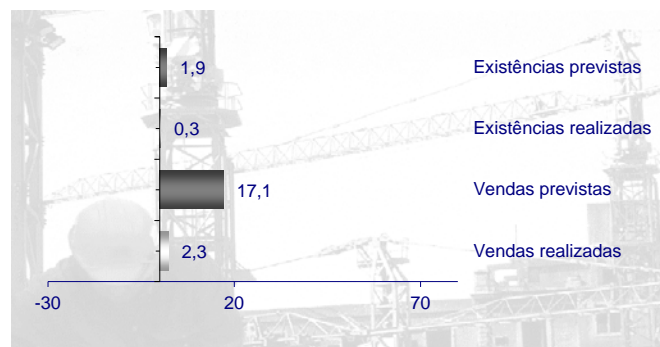
APRECIÇÃO GLOBAL

O volume de negócios das empresas do setor sofreu com a redução dos preços de venda que se tem vindo a verificar desde o final do terceiro trimestre do ano passado, ficando mesmo, para a maioria das empresas, abaixo do realizado no mesmo período do ano anterior, isto apesar de, em termos quantitativos, o mercado ter continuado a crescer.

Em termos trimestrais, por isso mesmo, a evolução das vendas, apesar de maioritariamente positiva, ficou muito abaixo das expectativas. Na verdade, a maioria das empresas (88,3%), no conjunto do setor, reportou o aumento ou a manutenção das respetivas vendas, mas a diferença entre os que afirmaram o aumento (14%) e os que referiram a redução (11,7%) foi diminuta.

A nota, porventura mais negativa, foi a do aumento substancial das empresas que classificaram a **atividade** como Deficiente, que passou de 12,2% no trimestre anterior, para 41%). O SRE foi, natural e infelizmente negativo, atingindo um valor de -7,7%, tendo sido o segmento retalhista quem apresentou o resultado menos mau neste período, com um SRE de -5,3%, enquanto subsector armazenista apresentou um SRE de -10%, o que resulta de, por estar a montante, ser o primeiro a registar os impactos negativos nos volumes de vendas, nas margens e na liquidez, deste processo de ajustamento em baixa dos preços dos materiais.

VENDAS E STOCKS - 2º TRIMESTRE 2023
(SRE - saldo das respostas extremas)



Como atrás referimos, constatou-se o aumento das vendas por um número de empresas bastante inferior ao previsto o que, desta vez, não teve correspondência no aumento das que referiram o aumento dos stocks, muito provavelmente porque estes sofreram igualmente uma desvalorização que compensou o aumento das quantidades em armazém.

2º TRIMESTRE DE 2023

Indicadores	SRE - saldo das respostas extremas (%)		
	Sector	Armazenistas	Retalhistas
Vendas	+ 2,3	+ 5,1	+ 0,9
Existências	+ 0,3	+ 2,1	- 0,5
Preços	+ 0,3	- 1,0	+ 1,0
Atividade	- 7,7	- 10,0	- 5,3
Vendas homólogas	- 12,8	- 5,0	- 21,1

A maioria dos indicadores do setor apresentaram um comportamento modesto ou mesmo negativo, com exceção do indicador *Existências*, que, provavelmente pelas más razões que referimos atrás e que se prendem com a redução dos preços sofridos pela maioria dos produtos, teve uma variação quase nula.

Esse comportamento mostrou uma clara pioria de desempenho neste trimestre, quando comparado com os valores assumidos pelos mesmos indicadores no 1º trimestre do ano.

2º TRIMESTRE DE 2023

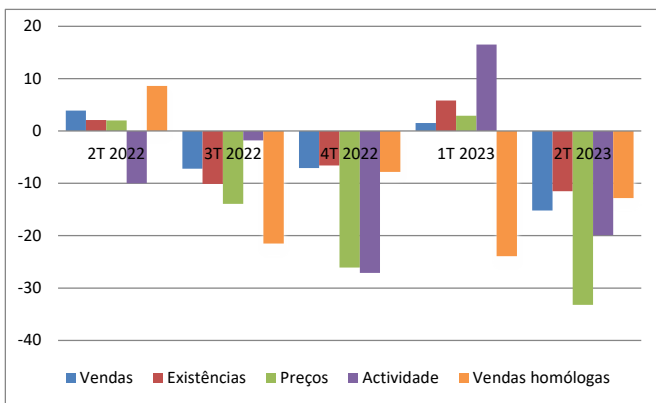
(variação dos valores do SRE - saldo das respostas extremas - face ao trimestre anterior)

Indicadores	Variação do saldo das respostas extremas em pontos percentuais		
	Sector	Armazenistas	Retalhistas
Vendas	- 15,2	- 5,4	- 19,4
Existências	- 11,5	- 1,8	- 15,5
Preços	- 33,2	- 32,6	- 33,2
Atividade	- 19,9	- 20,6	- 18,8
Vendas homólogas	- 12,8	+ 16,0	- 39,3

(sinal "-" indica pioria ou diminuição; sinal "+" indica melhoria ou aumento)

Assim, no que diz respeito à evolução dos valores dos vários indicadores, pode concluir-se, à semelhança do que observámos nos relatórios anteriores, que há uma contínua desaceleração no ritmo de crescimento da atividade, acompanhado por um forte ajustamento dos preços de venda da maioria dos produtos que, esperamos nós, estar praticamente realizado.

VARIAÇÃO DOS VALORES DOS SALDOS DAS RESPOSTAS EXTREMAS FACE AO TRIMESTRE ANTERIOR

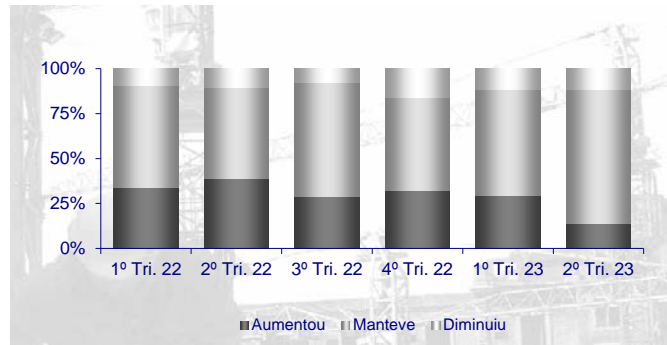


De fato, o crescimento das vendas ficou bastante abaixo do registado no trimestre anterior e diminuiu face ao observado no mesmo trimestre do ano passado, o que se refletiu na pioria muito significativa da apreciação sobre o *Nível de Atividade*.

VENDAS

A percentagem das empresas que indicou o aumento das vendas face ao período anterior baixou, cifrando-se nos 14% (contra 29,3% no trimestre anterior), mas a percentagem das que referiram a sua diminuição manteve-se praticamente idêntica, passando dos 11,8% observados no 1º trimestre de 2023 para os 11,7%.

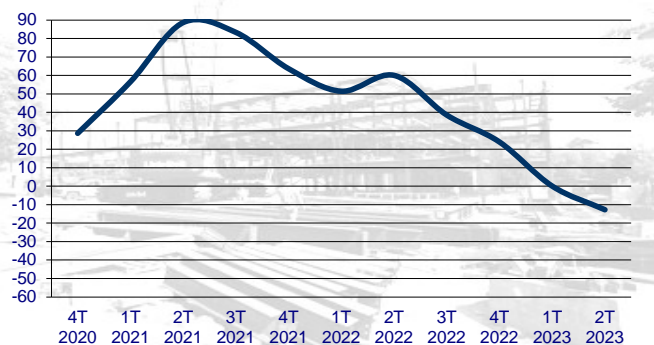
VENDAS



O indicador vendas homólogas, que desde o início da recuperação do setor, em 2016, melhor tem representado o crescimento da atividade, conheceu, pela primeira vez, excetuando a quebra registada nos dois primeiros trimestres de 2020 devido à pandemia, uma variação claramente negativa.

O conjunto do setor registou um saldo de -12,8% nas respostas extremas, mas foi no segmento retalhista armazenista que se registou o maior saldo negativo (-21.1%) e também o maior número de respostas que afirmaram a *Diminuição* das vendas face ao 2º trimestre do ano anterior (47,4%). Entre as empresas armazenistas, o saldo negativo das respostas extremas quedou-se pelos -5%, verificando-se que 35% referiram o *Aumento* e 40% a *Diminuição*.

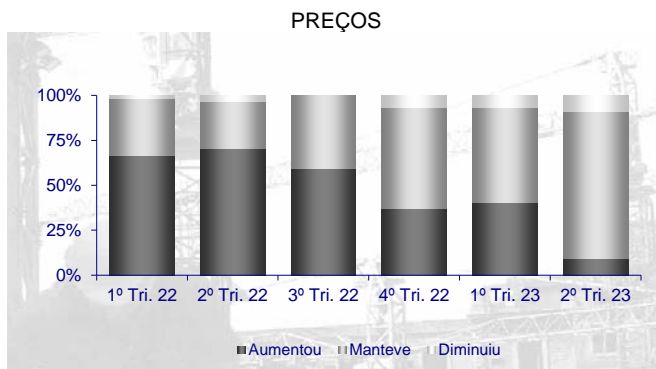
VOLUME DE VENDAS COMPARADO COM O MESMO PERÍODO DO ANO ANTERIOR (SRE – saldo das respostas extremas)



Face à descida dos preços da maioria dos materiais e produtos de construção, que afetam primeiro, como já referimos, os armazenistas, a diferença de comportamentos neste trimestre, em que o fator Inverno já não terá prejudicado o ritmo normal de execução das obras, nomeadamente as de infraestruturas, poderá encontrar explicação exatamente na franja oposta do mercado, o do consumidor final, onde se tem notado alguma retração em consequência da quebra do poder de compra e da subida das taxas de juro.

PREÇOS

Relativamente aos preços de venda, como já referimos, acentuou-se a tendência de correção, com menos subidas, mais descidas e uma maioria de respostas na opção da manutenção. Com efeito, registaram-se 8,8% de respostas no sentido da diminuição e 9,1% no do aumento, mas as respostas no sentido da manutenção dos preços subiram de 52,9% para 82,1%. O SRE foi de +0,3%, que compara com +33,5% no 1º trimestre de 2023 e +30,6% no 4º trimestre, +51,3% no 3º trimestre, + 67,2% no 2º trimestre e +65,2% no 1º trimestre, todos do ano de 2022.



Mais uma vez, foi a o subsector armazenista a refletir mais fortemente o ajustamento dos preços de venda, com o SRE a baixar de +31,6% para -1%, enquanto o SRE no subsector retalhista passou de +34,2% para +0,3%.

As respostas nos dois sentidos equipararam-se, não obstante o peso dos materiais na construção ser obviamente diferente. Importa também referir que o saldo das respostas extremas em cada grupo de materiais foi pouco significativo, dando a entender que estamos perante ritmos diferentes de ajustamento por parte das empresas, seja pelo fator momento da reposição, seja pelo fator execução de contratos anteriores ou, ainda, devido à sua posição e peso negocial.

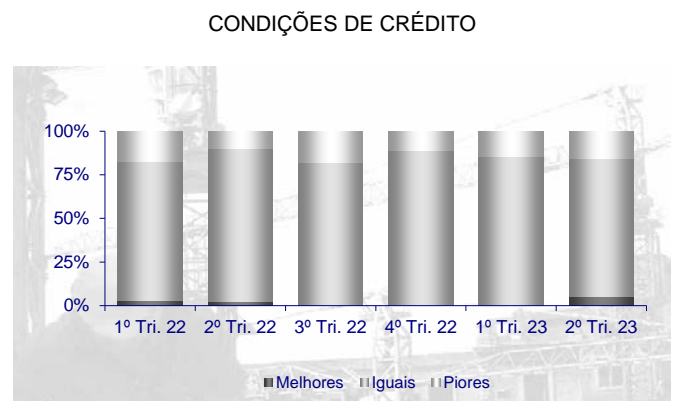
Em todo o caso, do lado das subidas, pouco expressivas, encontramos os “pavimentos de madeira e cortiça”, os “Aparelhos e equipamentos elétricos e eletrónicos diversos”, a “Louça sanitária, banheiras, torneiras e acessórios para casa de banho”, os “Móveis e equipamentos para cozinha”, as “Tubagens e acessórios de ferro e cobre” e as “tubagens e acessórios em plástico”.

Do lado das descidas registam-se os “Isolamentos térmicos e acústicos”, os “Pavimentos (alcatifas, vinílicos e borrachas)”, as “Madeiras e derivados ((portas, placas, contraplacados, etc.)”, o “Ferro redondo para betão armado e em perfis para estruturas metálicas”, as “Portas automáticas e automatismos para portas” e os “Tetos e divisórias”.

CONDIÇÕES DE CRÉDITO

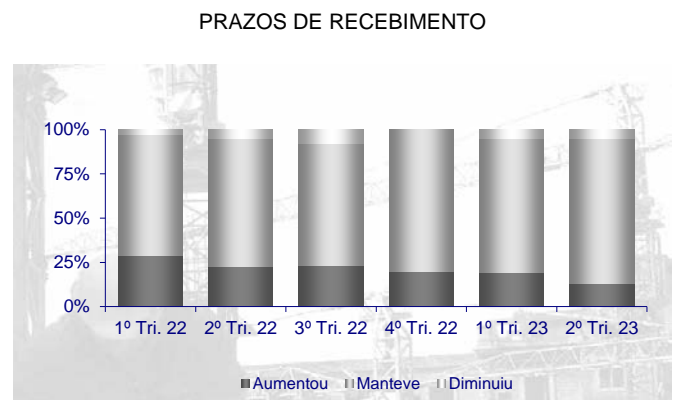
A estabilidade que estava a ser habitual ao nível das condições de crédito dos fornecedores foi ligeiramente perturbada neste 2º trimestre de 2023. Assim, embora a maioria das respostas ainda apontem para a manutenção (79,5%, contra 85,4% das respostas no trimestre anterior), registaram-se 15,4% de respostas no sentido da pioria (contra 14,6% no 1º trimestre) e, um pouco surpreendentemente, 5,1% no sentido da melhoria (contra 0% nos três estudos anteriores).

O segmento armazenista registou uma evolução mais favorável, com um SRE de -5% (-10,5% no trimestre anterior) que o segmento retalhista cujo SRE passou de -18,2% para -15,8%.



PRAZOS DE RECEBIMENTO

Ao nível dos prazos de recebimento de clientes, o número de respostas no sentido do aumento dos prazos voltou a ter uma redução (de 19,5% para 12,8%), ao mesmo tempo que a percentagem das respostas que referiram a diminuição dos prazos tornou a aumentar, agora tangencialmente, de 4,9% para 5,1%.



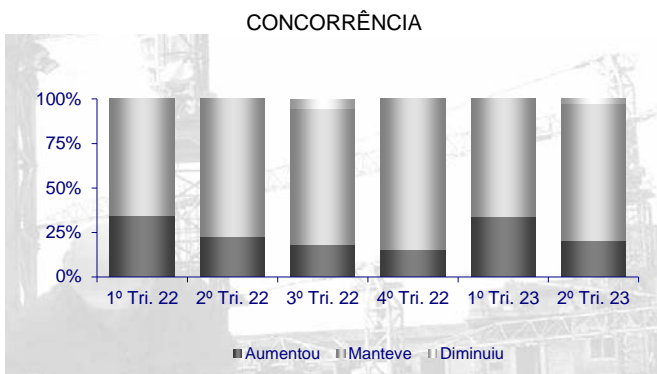
Ambos os subsectores registaram um balanço positivo, mas com algumas diferenças. O aumento dos prazos

de recebimento afetou, desta vez, mais os retalhistas, que registaram 15,8% de respostas nesse sentido, que compara com 18,2% no trimestre anterior. Já a percentagem dos armazenistas que referiram o aumento dos prazos foi bastante inferior (10%), tendo baixado ainda mais relativamente ao trimestre anterior que tinha sido de 21,1%.

Em sentido contrário, ambos os subsectores referiram situações de diminuição dos prazos de recebimento de clientes (5% das respostas dos armazenistas e 5,3% das dos retalhistas).

CONCORRÊNCIA

O nível de concorrência baixou um pouco de intensidade. Na verdade, a percentagem de respostas no sentido do aumento foi de 20,5%, contra 34,1% no 1º trimestre.



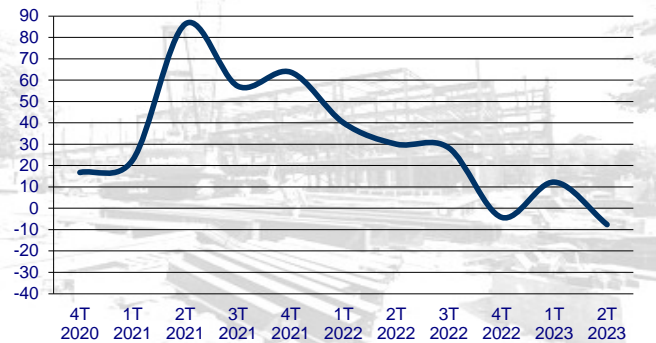
O subsector retalhista, uma vez mais, talvez por não ter tanto peso de clientes profissionais, sentiu um pouco menos a pressão da concorrência, tendo registado 15,8% de respostas nesse sentido (contra 27,3% no trimestre anterior).

No subsector armazenista a percentagem de respostas no sentido do aumento, embora tendo reduzido face ao trimestre anterior, foi claramente mais elevada, passando de 42,1% registados no 1º trimestre para 25%.

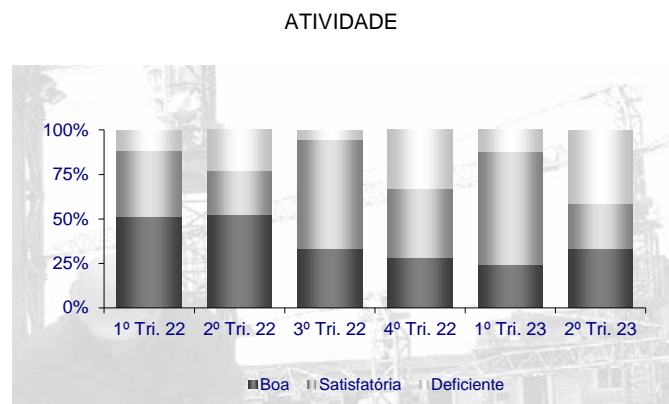
ATIVIDADE

A evolução positiva das vendas, mas bastante abaixo do previsto, refletiu-se, como já tivemos oportunidade de enfatizar, na deterioração da avaliação que as empresas fazem da respetiva atividade. Embora tenha aumentado ligeiramente a percentagem das empresas que consideraram **bom** o respetivo nível de atividade, cresceu significativamente mais a das respostas que o classificaram como **deficiente**.

EVOLUÇÃO DO NÍVEL DE ATIVIDADE (SRE - saldo das respostas extremas)



De facto, a percentagem das empresas que consideraram que o nível de atividade foi **bom** subiu de 24,4% no último trimestre, para 33,3%, neste 2º trimestre do ano, ao mesmo tempo que a percentagem das respostas que consideraram a atividade **deficiente** saltou dos 12,2% registados no 1º trimestre, para uns preocupantes 41%.



O subsector retalhista foi, uma vez mais, quem registou a maior percentagem de respostas com uma apreciação positiva do nível de atividade (36,6%, contra 27,3% no trimestre anterior) mas também foi quem registou uma percentagem superior de respostas no **item deficiente** (42,1% contra 13,6% no trimestre anterior). Entre as empresas armazenistas inquiridas, apenas 30% (contra 33,3% no 1º trimestre) consideraram **bom** o respetivo nível de atividade, mas a percentagem das que o classificaram como **deficiente** subiu de 10,5% no trimestre anterior, para 40%.

FINANCIAMENTO BANCÁRIO

O recurso ao crédito bancário pelas empresas do setor diminuiu claramente, tendo sido referido por 10,3% das respostas (contra 17,1% no trimestre anterior).

Ao contrário do trimestre anterior, a percentagem foi maior entre as empresas armazenistas (15%) que en-

tre as retalhistas (5,3%). Quanto ao destino do crédito, no caso das empresas armazenistas as repostas repararam-se entre 15% para financiamento corrente e 5% para investimento, enquanto nas empresas retalhistas o destino foi exclusivamente o financiamento corrente. Todos consideraram *fácil* o acesso ao crédito.

PREVISÃO PARA O 3º TRIMESTRE DE 2023

As previsões para o terceiro trimestre do ano, não só mantêm um sinal positivo, como traduzem, inclusivamente, uma perspetiva de maior crescimento dos negócios, como, aliás, seria de esperar num período que é tradicionalmente o mais favorável em termos de sazonalidade.

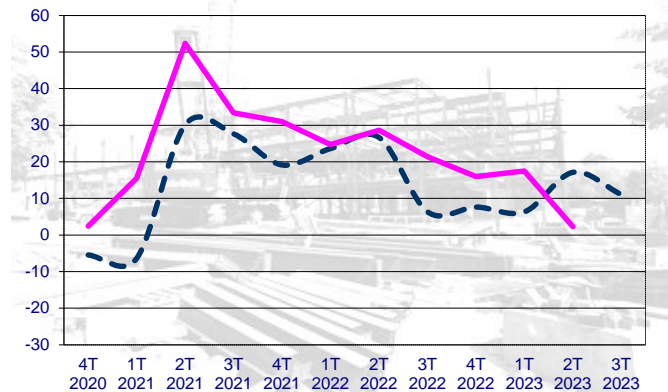
PERSPETIVAS PARA O 3º TRIMESTRE DE 2023

Indicadores	SRE - saldo das respostas extremas (%)		
	Sector	Armazenistas	Retalhistas
Cart. Encomendas	+ 9,8	+ 15,3	+ 7,2
Vendas	+ 11,0	+ 17,4	+ 8,1
Enc. Fornecedores	+ 9,8	+ 12,3	+ 8,6
Existências	0	- 3,0	+ 1,5

Ao contrário do que observámos nos trimestres anteriores, as expetativas das empresas do subsector armazenista são claramente mais positivas, talvez porque, estão mais dependentes das obras e projetos de maior dimensão que arrancaram recentemente, nomeadamente do PRR, mas também de projetos que estiveram interrompidos desde a escalada dos preços da construção e que, entretanto, foram retomados.

Mas se muitos projetos na área pública, no turismo ou na área comercial devem conhecer um novo impulso ainda na segunda metade deste ano (e com maior impacto em 2024), os últimos dados do mercado imobiliário revelam um abrandamento significativo do lado da procura no segmento da compra de habitação, devido ao aumento das taxas de juro dos empréstimos e do natural endurecimento das condições de financiamento bancário, o que irá fazer diminuir fortemente a expansão do segmento da construção de habitação dirigida à classe média.

Vendas Previstas e Vendas Realizadas
(saldo das respostas extremas)



O setor do retalho, por outro lado, irá continuar a sofrer durante mais algum tempo dos efeitos negativos que a inflação e a subida das taxas de juro estão a provocar ao nível da redução do poder de compra das famílias. A publicação do novo *Aviso* com medidas de apoio à melhoria da eficiência energética dos edifícios, no valor de 30 milhões de euros, poderá dar algum alento a este segmento, sobretudo na área das janelas, dos isolamentos e das energias renováveis, embora o seu efeito seja certamente limitado por incluir investimentos já feitos no último ano...

As maiores fontes de preocupação para o setor e a que deveremos continuar atentos, serão, seguramente, as taxas de juro, o desemprego e a evolução dos preços da habitação. As primeiras, porque se escalarem para além dos 4,5% ou 5% (taxas Euribor), irão ter efeitos demolidores no crédito à habitação (a menos que a subida seja compensada por benefícios fiscais) e, também, na avaliação do imobiliário. O desemprego, porque se subir, implicará uma perda de poder de compra e de capacidade de acesso ao crédito por parte das famílias, que vai muito para além do efeito inflação. Os preços da habitação, que agora apresentam uma tendência de estabilização ou mesmo de pequeno ajuste descendente, podem, em caso de maior dificuldade financeira, entrar em queda, destruindo valor para as famílias, para os investidores e para a banca, provocando uma verdadeira crise na construção e no imobiliário.